

## Ensaio Especial

# Teologia com Fogo: um resgate de Jonathan Edwards<sup>1</sup>

Ary Queiroz Jr.<sup>2</sup>

### Introdução

Há mais de uma década e meia comecei a manter contato com a literatura que retrata os grandes despertamentos espirituais - sua história, teologia e características. O livro realmente impactante foi o clássico “Avivamento”, do Dr. D. Martyn Lloyd-Jones, uma leitura que desde então jamais dispensei.

A obra mais recente de John Armstrong (“O Verdadeiro Avivamento”), publicada pela Editora Vida, que li há cerca de cinco anos, entretanto, me desafiou enormemente a investir tempos regulares de oração em busca de um avivamento genuíno.

Assim motivados, eu e alguns irmãos membros da *1ª Igreja Congregacional de Caruaru*, PE, demos início a uma reunião de oração com esse propósito, que vem se realizando nos últimos anos sempre nas noites das primeiras segundas-feiras de cada mês.

Nesse quadrante, para estimular essas orações entre aqueles que já as compartilham e na tentativa humilde de atrair novos irmãos à empreitada, tanto quanto para deixar um texto escrito aos participantes do 1º. Encontro de Estudantes de Teologia

---

<sup>1</sup> Esse texto apareceu primeiramente em uma edição impressa na Revista Teológica da UIECB. Rio de Janeiro: Contextualizar, p. 74-94.

<sup>2</sup> Pastor efetivo da Primeira Igreja Evangélica e Congregacional de Caruaru e diretor do Seminário Teológico Jonathan Edwards. Bacharel em teologia com pós-graduação em Teologia do Novo Testamento pela Unifil. Bacharel em Direito pela ASCES-UNITA, pós-graduação em Direito do Estado pela Universidade Anhanguera Uniderp.

promovido pelo DET – Departamento de Educação Teológica -, realizado no Seminário da Pedra em setembro de 2015, preparei uma série de estudos sobre Jonathan Edwards, o “teólogo do avivamento”. Os tais estudos foram, a pedido do Rev. Rinaldo César, presidente do DET, revisitados e reorganizados para compor a revista que o leitor tem em mãos, uma brilhante iniciativa do Departamento educacional da UIECB.

Por fim, é de relevo anotar que o presente estudo alicerça-se sobre a firme convicção quanto à urgente necessidade de resgatarmos a influência de Edwards à igreja brasileira, e pretende, querendo Deus abençoá-lo, fomentar em um ambiente mais amplo um conceito bíblico de avivamento e orações regulares em sua busca.

## 1. Infância, Formação e Conversão.

Jonathan Edwards nasceu no dia 5 de outubro de 1703, em East Windsor. Seu pai, Timothy Edwards, era um pastor formado em Harvard que pregou na igreja de East Windsor por mais de sessenta anos (1694-1758). Sua mãe, Esther Stoddard Edwards, conhecida por sua inteligência e piedade, era filha do ministro congregacional Solomon Stoddard, um dos homens mais influentes da Nova Inglaterra Ocidental e que liderou por quase sessenta anos (1672-1729) a igreja de Northampton, Massachusetts. Edwards tinha dez irmãs, quatro mais velhas e seis mais novas.

Desde os primeiros anos, seus pais o prepararam para a faculdade e para o ministério. Seu pai era pastor cuidadoso e não recebia nenhum candidato à comunhão sem antes avaliar sua condição espiritual. Quanto à educação dos filhos, os Edwards desde cedo deixavam muito claro que até a maior erudição não valia nada se o coração de uma pessoa estivesse em outra coisa senão em Deus. O jovem Edwards cresceu aprendendo as Escrituras, a *fé reformada* e o *Breve Catecismo de Westminster*, educação que lhe fez herdeiro das riquezas da tradição puritana.

Edwards “Era uma criança precoce, e com cinco anos de idade começou a estudar hebraico, grego e latim”<sup>3</sup>. Em face do ambiente piedoso em que cresceu, o menino Edwards de nove anos de idade costumava ir ao seu esconderijo secreto nas florestas para momentos de oração. Quando tinha doze anos, a igreja do pai experimentou um estimulante avivamento, a respeito do qual Jonathan escreveu a uma irmã

---

<sup>3</sup> FERREIRA, Franklin. *Servos de Deus: Espiritualidade e Teologia na História da Igreja*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2014. p. 284

contando-lhe os resultados fabulosos. Entretanto, não foi nesses anos de formação que Jonathan se converteu a Cristo.

Edwards entrou na faculdade aos treze anos, na então “Escola Colegiada de Connecticut” (*Collegiate School de Connecticut*), razão pela qual se mudou para Wethesfield, onde a escola operava sob a supervisão de Elisha Williams, primo de Edwards, em um dos seus três postos. No quarto ano de estudos de Edwards, a faculdade se consolidou em New Haven, quando ganhou o nome de Yale. Jonathan completou seu bacharelado em New Haven e ali permaneceu por mais um ano para fazer seu mestrado.

Nesse período de estudos, com amplo acesso à biblioteca de Yale, manteve contato com os representantes da ciência e da filosofia da época, dentre eles Isaac Newton (1642-1727) e John Locke (1632-1704). E isso ocorreu numa época em que era moda questionar o calvinismo e rejeitá-lo como uma tradição indesejada. Ele mesmo relutou contra essa herança, como podemos observar em suas anotações:

desde a minha infância, a minha mente estivera acostumada a ficar cheia de objeções contra a doutrina da soberania de Deus em escolher a quem ele quis para a vida eterna e rejeitar a quem lhe aprouve, deixando-os a perecer eternamente e serem atormentados para sempre no inferno. Isso costumava me parecer uma doutrina horrível<sup>4</sup>.

Com respeito ao estado de sua alma, ele já havia, por essa época, agonizado profundamente. Mas, sua luta mais intensa ocorreu em seu último ano em Yale, quando foi acometido por uma doença violenta, chegando a acreditar que ia morrer. Foi nesse período que, ao deparar com 1Timóteo 1.17, se converteu, experiência que descreveu com as seguintes palavras:

grandes e violentas lutas interiores: somente depois de muitos conflitos com inclinações ímpias, resoluções repetidas e obrigações colocadas sobre mim mesmo como um tipo de voto a Deus, fui trazido ao rompimento pleno com todos os meus caminhos ímpios e todos os caminhos de pecado exterior conhecido e a aplicar-me na busca da minha salvação<sup>5</sup>.

Após sua conversão, suas lutas com a doutrina calvinista da soberania de Deus desapareceram repentinamente, mas não sem sério estudo das Escrituras, quando passou a adotá-la como uma “convicção prazerosa”. Além disso, ele começou a ter experiências espirituais mais dramáticas, a encantar-se emocionalmente com a

---

<sup>4</sup> MARSDEN, George. *A Breve Vida de Jonathan Edwards*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015. p. 39

<sup>5</sup> *Ibid*, p. 41

“beleza” de Deus e com a amabilidade de Jesus Cristo, e a vê-las ilustradas nas obras da criação.

## 2. Do Primeiro Pastorado a Northampton

Em agosto de 1722, quando Jonathan estava em seu penúltimo ano em Yale (o último do bacharelado), começou a servir como pastor temporário em uma pequena Igreja Presbiteriana em Nova Iorque, com apenas dezoito anos. Foi nessa época, entre os dezoito e dezenove anos (1722/23) que escreveu o conjunto de suas famosas resoluções – 70 ao todo! -, que representam suas lutas nesse estágio para conformar sua vida à vontade de Deus e crescer espiritualmente. Eis algumas delas:

Resolução 7: Resolvi nunca fazer qualquer coisa da qual eu devesse ter medo, caso esteja vivendo a última hora de minha vida.

Resolução 43: Resolvi que a partir de hoje, até que eu morra, nunca mais agirei como se, de algum modo, pertencesse a mim mesmo, mas como se pertencesse inteiramente a Deus, de acordo com a disposição em mim encontrada em 12 de janeiro de 1723, sábado.

Resolução 55: Resolvi me esforçar ao máximo para agir como creio que agiria, caso já tivesse visto a felicidade celestial e os tormentos do inferno (8 de julho de 1723)<sup>6</sup>.

Outras de suas resoluções incluíam coisas como renunciar o orgulho e a vaidade, disciplinar-se no comer e beber, não falar mal dos outros e cultivar paciência e serenidade em lugar de ansiedade.

Como não foi possível a permanência no ministério em Nova Iorque, Edwards passou o verão de 1723 na casa dos pais, período em que trabalhou em um ensaio sobre as aranhas voadoras. Nesse mesmo ano (1723), em outubro, formou-se em Yale, após apresentar sua tese sobre a imputação do pecado, que teve como título: “Aos Olhos de Deus, um Pecador não é Justificado, Exceto por meio da Justiça de Cristo, Obtida pela Fé”. Quanto ao lugar onde haveria de servir a Deus, o período foi de incertezas. Como a possibilidade de retornar a Nova Iorque esboroou, cedeu à insistência do seu pai e aceitou o pastorado em uma igreja congregacional interiorana, na cidade de Bolton, Connecticut, a 40 km de East Windsor.

---

<sup>6</sup> LAWSON, Steven J. *As Firmes Resoluções de Jonathan Edwards*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2014. pp. 148, 153, 155

Após a breve estadia em Bolton, Edwards aceitou o convite para voltar a New Haven para ser o tutor da faculdade de Yale, lugar onde, segundo pensou, poderia ver deslanchar sua carreira como erudito e estar próximo da jovem Sarah Pierpont, filha do pastor James Pierpont, a quem ele havia no ano anterior dado um livro em cuja página em branco escreveu sua admiração pela espiritualidade da moça.

Em setembro de 1724, Jonathan estava frustrado com as expectativas que fizera quanto a Yale e esgotado espiritualmente. O relacionamento com alunos insubordinados era-lhe insuportável. No ano seguinte, quando tinha 21 anos, noivou com Sarah, com então 15 anos, para casarem-se dali a dois anos.

Uma nova mudança ocorreu quando o Rev. Solomon Stoddard, avô de Edwards, ficou idoso. Com 83 anos, Solomon dedicou-se a buscar um sucessor à igreja de Northampton entre seus netos que eram ministros do evangelho. A candidatura de Edwards deveria ter ocorrido em 1725, mas foi adiada por causa de sua saúde frágil naquele ano, tanto que chegou a pensar que morreria. Mas, no outono de 1726, ele foi eleito ao pastorado daquela cidade e mudou-se para lá, tendo sido ordenado como ajudante do avô em fevereiro de 1727. Ele permaneceria como pastor em Northampton pelos vinte e dois anos seguintes.

Jonathan chegou ainda solteiro em Northampton, e deve ter morado na casa dos avós Solomon e Esther até casar-se com Sarah, em 28 de julho de 1727. Casados, receberam fundos suficientes para adquirirem uma casa enorme, que encheriam em pouco mais de duas décadas com onze filhos - oito moças e três rapazes.

Em fevereiro de 1729, Solomon Stoddard morreu, aos 86 anos, razão pela qual aumentaram muitíssimo as responsabilidades de Edwards, sobretudo porque iria substituir um antecessor formidável e muitíssimo admirado.

### **3. Os Primeiros Despertamentos em Northampton**

A Northampton de Stoddard já havia vivenciado, de tempos em tempos, fogos de despertamentos da piedade, quando muitas pessoas vinham à percepção de uma desesperada necessidade espiritual e muitas delas, de fato, se convertiam<sup>7</sup>. Entre os

---

<sup>7</sup> “Jonathan Edwards”, lembra John Armstrong, “ao escrever sobre o Grande Despertamento, comenta que a igreja do seu avô em Northampton, Massachusetts, experimentou cinco intervenções especiais do Espírito Santo antes daquela descrita de forma tão notável pelos historiadores da igreja (1679, 1683, 1696, 1712 e 1718)”. ARMSTRONG, John. *O Verdadeiro Avivamento: O que Acontece quando Sopra o Vento do Espírito*. São Paulo: Editora Vida, 2003. p. 130

avivamentos, entretanto, floresciam subculturas alternativas à igreja, cujo epicentro era as três tavernas que havia quando Edwards chegou.

Como a população da cidade crescia e, paralelamente, esgotavam-se as terras desmatadas, a idade média dos casamentos aumentou para 29 anos, aos homens, e 25, às mulheres. Como resultado, um grupo enorme de jovens na casa dos 20 anos cresceu e tornou-se resistente à fé. Havia desrespeito na igreja, inclusive frente à liderança do já idoso Stoddard.

Edwards registrou que após a morte do avô, no início de 1729, o desrespeito entre os jovens aumentou. Somente após dois ou três anos de ministério, Edwards sentiu que começava a ser ouvido e percebeu que a diversão entre os insubordinados ficava mais moderada, numa época em que o número de concepções pré-nupciais aumentava.

Noutro giro, deve ser salientado que Edwards se revelaria um ardente defensor do calvinismo. À guisa de exemplo, ele pregou aos ministros puritanos de Boston, em julho de 1731, uma mensagem com base em 1Coríntios 1.29-31 intitulada “Deus Glorificado na Dependência do Homem”. “Os ex-alunos de Harvard, que se reuniam ali, ficaram impressionados com a força de seu argumento, e o sermão logo se tornou o primeiro dos trabalhos de Edwards a ser publicado”<sup>8</sup>.

Entretanto, fatos marcantes ocorreram em junho de 1734. Primeiro, um jovem admirado de Northampton foi acometido de uma repentina doença e morreu em dois dias. Edwards se aproveitou da situação e pregou um sermão comovente a partir do Salmo 90.5,6, demonstrando como a juventude é passageira e quanta tolice há em centralizar a vida em paixões efêmeras.

O sermão “Uma Luz Divina e Sobrenatural” foi pregado originalmente naquele ano (1734). Nesse sermão, Edwards respondeu o que era para ele a questão mais essencial da existência: o que significa ter o coração mudado numa experiência de conversão? Para Edwards, Deus é o Autor do verdadeiro relacionamento com Ele. E Ele está, de fato, revelando a todo instante a luz da Sua beleza e do Seu amor, mas os homens estão cegos e inaptos e muitos têm apenas um conhecimento teórico dessa realidade, mas não uma experiência real com ela. Assim, para se ter essa experiência, é preciso receber “olhos para ver” e “ouvidos para ouvir”, como diz a Escritura. Mesmo aquelas pessoas que estavam somente preocupadas em seus próprios prazeres, quando fossem contempladas pela graça de Deus, teriam seus olhos

---

<sup>8</sup> LAWSON, *As Firmes Resoluções de Jonathan Edwards*, p. 23

abertos, veriam o maravilhoso amor do sacrifício de Cristo e seriam transformadas em sua disposição fundamental para amarem a Deus e a tudo que Ele ama.

Edwards viu os resultados das suas mensagens profundamente inquietantes ainda em 1734, quando, em dezembro daquele, uma poderosa obra do Espírito teve início, a partir de uma série de sermões sobre a justificação pela fé. O impacto foi impressionante!

Uma jovem de comportamento pouco recomendado foi a Edwards e apresentou ser o que ele julgou como verdadeira conversão. A notícia desse acontecimento se espalhou entre os jovens e logo muitos deles começaram a buscar o pastor para aconselhamento espiritual. Repentinamente, quase toda a cidade parecia tomada por uma intensa preocupação com sua alma, e mais de trezentas pessoas, em uma população com cerca de mil e quinhentas, professaram fé em Cristo. Em vez de se divertirem nas noites dos domingos e das quintas-feiras após os sermões, os jovens começaram a se reunir em casas espalhadas pela cidade para tempos de cântico, oração e estudos da Bíblia. Logo, os adultos faziam o mesmo. Edwards escreveu a respeito:

A cidade parecia estar cheia da presença de Deus; ela nunca esteve tão cheia de amor, nem tão cheia de alegria... Havia notáveis sinais da presença de Deus em quase todas as casas... todos [estavam] concentrados na adoração pública<sup>9</sup>.

Os acontecimentos em Northampton impressionaram Edwards e, a partir de um relato mais compacto emitido a Benjamin Colman, o principal ministro de Boston, ele escreveu a obra do Espírito experimentada em fins de 1734 em “Uma Narrativa Fiel da Surpreendente Obra de Deus” (*A Faithful Narrative of the Surprising Work of God*), obra publicada recentemente pela Shedd Publicações<sup>10</sup>, de leitura obrigatória.

#### 4. Whitefield em Northampton

Entre os anos de 1739/40, Edwards estava desanimado porque o ardor dos despertamentos de 1734/35<sup>11</sup> havia esfriado. Antes das chuvas abundantes da graça de Deus que estavam para vir, aquela época intermédia, de fato, foi definida por

---

<sup>9</sup> Ibid.

<sup>10</sup> Edwards, JONATHAN. *A Surpreendente Obra de Deus na Conversão de Muitas Centenas de Almas*. São Paulo: Shedd Publicações, 2017.

<sup>11</sup> Nesse período pós-avivamento, Edwards pregou duas séries de sermões que se tornaram famosas: “Caridades e Seus Frutos” (lançado neste ano, 2015, pela Editora FIEL), uma exposição meticulosa de I Co 13, e “Uma História da Obra da Redenção”.

William Cooper em seu prefácio à obra de Edwards “As Marcas Distintivas de Uma Obra do Espírito de Deus” (“Distinguishing Marks of a Work of the Spirit of God”<sup>12</sup>) como “morta e estéril”. Cooper observou:

As chuvas de ouro foram retidas; as influências do Espírito foram suspensas; e a consequência foi que o evangelho não teve nenhum sucesso eminente. As conversões têm sido raras e duvidosas; poucos filhos e filhas têm nascido de Deus, e os corações dos cristãos já não são tão cheios de vida, calor e vigor sob as ordenanças, como eram.<sup>13</sup>

Nesse ínterim, Edwards soube que George Whitefield planejava uma nova viagem à América e escreveu ao pregador inglês convidando-o a vir a Northampton, enquanto o pregador inglês já havia, concomitantemente, escrito a Edwards sugerindo a mesma coisa.

Whitefield já havia estado na América no segundo semestre de 1737, onde permaneceu por cerca de um ano. Quando retornou ao Novo Mundo, suas mensagens poderosas, entre os anos de 1739 e 1740, tornaram-no uma celebridade. Suas pregações ao ar livre reuniam entre 6.000 e 10.000 pessoas. Após semanas de pregação, Whitefield pregou seu sermão de despedida em Boston para uma multidão estimada entre 23.000 e 30.000 pessoas. De Boston, o evangelista viajou alguns quilômetros a cavalo para passar um fim de semana em Northampton. Enquanto pregou na igreja de Northampton, o “bom Sr. Edwards chorou durante todo o tempo” em um dos sermões de domingo<sup>14</sup>, escreveu Whitefield mais tarde.

Foi nessa época que explodiu o que ficou conhecido como o “Primeiro Grande Avivamento”. Ninguém tinha visto nada semelhante antes. “Por toda a Nova Inglaterra”, anotou Lawson, “é estimado que ‘de uma população de 300.000 habitantes, de 25.000 a 50.000 novos membros foram acrescentados às igrejas’ durante o despertamento”<sup>15</sup>.

## 5. “Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado”

Em julho de 1741, a cidade de Suffield experimentou um despertamento extraordinário. Em um domingo, Edwards presidiu um culto de Ceia e, na segunda,

---

<sup>12</sup> Esse sermão foi pregado em Yale, em setembro de 1741, sobre o qual voltaremos a falar.

<sup>13</sup> LLOYD-JONES, D. M. Os Puritanos, Suas Origens e Seus Sucessores. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1993. p. 357

<sup>14</sup> MARSDEN, A Breve Vida de Jonathan Edwards, p. 96

<sup>15</sup> LAWSON, As Firmes Resoluções de Jonathan Edwards, pp. 24, 25

pregou a uma multidão aglomerada em dois grandes cômodos de uma casa. “Um visitante que chegara depois do sermão”, pontuou Marsden, “disse que em uma distância de 400 metros podia ouvir berros, gritos e lamentos, ‘como de mulheres em dores de parto’, quando as pessoas agonizavam pelo estado de sua alma”<sup>16</sup>.

Dois dias depois, em 8 de julho de 1741, um grupo de pastores reunido em Enfield, a cidade vizinha, com o propósito de propagar o avivamento na região, pediu a Edwards que pregasse em uma reunião. Na ocasião, ele pregou seu mais famoso sermão - “Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado” -, baseado em Deuteronômio 32.35 (“... A seu tempo, quando resvalar o seu pé”). Ele já “o havia pregado”, observa Lawson, “um mês antes, em sua própria igreja, tendo poucos efeitos visíveis”<sup>17</sup>.

Edwards era um homem magro de cerca de 1,90m. Sua voz era fraca e ele pregava com base em um manuscrito quase decorado. Sua eloquência não era de modo algum das mais impressionantes. Usava poucos gestos e fazia pouco contato com os olhos. Por outro lado, antes desse sermão, ele não se alimentava por três dias e rogava sem cessar: “Dá-me a Nova Inglaterra!”. Quando Edwards pregou esse sermão, alguém disse que ele tinha um semblante de quem havia fitado, por algum tempo, o rosto de Deus.

O povo chegou ao culto com ar indiferente e até desrespeitoso, até que Edwards começou a ler calma e penetrantemente o seu sermão. Nele, pôs-se a demonstrar sua tese de que “não há nada, a não ser a boa vontade de Deus, que impeça os ímpios de caírem no inferno a qualquer momento”<sup>18</sup>. Afirmou que “os homens não convertidos caminham por cima das profundezas do inferno, sobre uma superfície frágil onde existem várias áreas quebradiças, também invisíveis, as quais não conseguirão aguentar o seu peso”<sup>19</sup>.

Na aplicação do seu sermão, Edwards disparou:

Oh pecador, pense no perigo terrível em que se encontra! É sobre uma grande fornalha de furor, sobre um abismo imenso e sem fim, cheio do fogo da ira, que você está pendurado, seguro pela mão de Deus, cujo furor acha-se tão inflamado contra você, como contra muitas pessoas já condenadas no inferno. Você está suspenso por uma linha tênue, com as chamas da cólera divina lampejando à tua volta, prontas para atear fogo e queimar-te por inteiro. E você continua sem interesse no Mediador, sem nada onde se agarrar

---

<sup>16</sup> MARSDEN, A Breve Vida de Jonathan Edwards, pp. 100,101

<sup>17</sup> LAWSON, As Firmes Resoluções de Jonathan Edwards, p. 25

<sup>18</sup> EDWARDS, Jonathan. Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado. São Paulo: Editora PES, 1995. p. 2

<sup>19</sup> Ibid. p. 7

para poder se salvar, nada que possa afastar as chamas da cólera divina, nada de teu próprio, nada que tenha feito ou possa vir a fazer, para persuadir o Senhor a poupar a tua vida por um minuto sequer<sup>20</sup>.

Edwards ainda iria falar à congregação que ela tinha uma “excelente ocasião” para buscar a Cristo, “Porque hoje é o dia em que Cristo abre as portas da misericórdia”<sup>21</sup>. Todavia, antes de dizê-lo, fez-se um tumulto e a congregação saltou em gritos e súplicas agonizantes. Franklin Ferreira descreve os horrores sentidos pelo povo:

Em certa altura, um homem correu para frente clamando, suplicando por oração, sendo interrompido pelos gemidos de homens e mulheres; quase todos ficaram de pé ou prostrados no chão, alguns se agarrando às colunas da igreja, pensando que o juízo final já havia chegado. Durante a noite inteira ouviu-se na cidade, em quase todas as casas, o clamor daqueles que, até àquela hora, confiavam em sua própria justiça<sup>22</sup>.

Edwards não chegou a terminar o seu sermão, tal foi a comoção que se apoderou do lugar. Mas, foi registrado posteriormente que a cidade foi transformada pelo derramamento poderoso do Espírito. Várias pessoas foram mudadas naquela noite. Brigas e discussões, tanto quanto a taverna, logo foram deixadas para trás e as pessoas começaram a viver a fé de tal modo que todos os dias, em certo sentido, pareciam com o domingo.

Aqueles anos foram de avivamento quase ininterrupto. Como ponderou Lloyd-Jones, “Após a seca, chuvas abundantes; a vida começou a manifestar-se mais uma vez. Aconteceu algo que continuou a afetar a vida da América muito profundamente durante pelo menos 100 anos, e de fato até hoje”<sup>23</sup>.

## **6. A Defesa do Avivamento e o Tratado sobre as “Afeições Religiosas”**

Devemos esclarecer, contudo, que a obra do avivamento não teve aceitação unânime. Isso se deveu, em parte, às provocações dos pregadores do avivamento, que ficaram conhecidos como “Novas Luzes”, aos ministros estabelecidos mais resistentes ao movimento, chamados “Velhas Luzes”, e, em parte, pelos excessos de

---

<sup>20</sup> Ibid. p. 14

<sup>21</sup> Ibid. p. 22

<sup>22</sup> FERREIRA, Servos de Deus: Espiritualidade e Teologia na História da Igreja, p. 287

<sup>23</sup> LLOYD-JONES, Os Puritanos, Suas Origens e Seus Sucessores, p. 357

emocionalismo experimentados e às vezes estimulados nas reuniões. O certo é que o movimento dividiu a liderança e as igrejas da Nova Inglaterra.

Edwards entendia perfeitamente que em diversas ocasiões havia excessos e extravagâncias. Pessoas estavam alegando supostas experiências com o Espírito com o propósito de chamarem as atenções a si mesmas e convencer as demais da sua superioridade espiritual. Por outro lado, discerniu que essa é apenas uma faceta dos estratagemas de Satanás para tentar macular a obra de Deus. Se, por um lado, nem todo emocionalismo do mundo indicaria, por si só, tratar-se de uma obra genuína do Espírito, por outro, esses mesmos arroubos de emoção também não provavam que o movimento não procedia do Espírito.

Edwards, como quer Lloyd-Jones, “sempre esteve lutando em duas frentes”<sup>24</sup>. Por um lado, ele combatia firmemente os excessos. Por outro, defendeu francamente os fenômenos e experiências incomuns que ocorreram no *Primeiro Grande Despertamento*. Às vezes, as pessoas desmaiavam; outras eram levadas a fortes emoções pelo gozo espiritual sentido a partir da compreensão da verdade. O próprio Edwards narrou, em sua obra “Alguns Pensamentos Concernentes ao Avivamento Presente da Religião na Nova Inglaterra”, publicada em 1742, ainda que sem revelar a identidade, as experiências vividas por Sarah Edwards, inclusive a de se erguer da cadeira e se transportar de um lugar para outro da sala sem empreender qualquer esforço. Na defesa desses fenômenos, ele escreveu:

Ora, se essas coisas não passam de entusiasmo, ou do fruto de um cérebro perturbado, oxalá o meu cérebro seja sempre tomado dessa feliz perturbação! Se é loucura, oro a Deus para que a humanidade toda seja presa por essa loucura benigna, dócil, benéfica, beatífica e gloriosa! Que noção têm da religião aqueles que rejeitam o que aqui foi escrito? Que acharemos de corresponder a estas expressões das Escrituras: a paz de Deus que excede todo o entendimento; alegrar-nos com gozo inefável e glorioso; o resplendor de Deus em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo; com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor; chamados das trevas para a sua maravilhosa luz; e a estrela da alva apareça em nossos corações? (Filipenses 4:7; I Pedro 1:18; II Coríntios 4:6; 3:18; I Pedro 2:9; II Pedro 1:19). O que, permitam-me perguntar, se aquelas coisas mencionadas acima não correspondem a essas expressões, que outra coisa poderemos encontrar que corresponda a elas?<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> Ibid. p. 368.

<sup>25</sup> Ibid. p. 372

Essa postura bastante equilibrada foi magistralmente esposada em um sermão pregado em setembro de 1741, na formatura de Yale, chamado “As Marcas Distintivas de Uma Obra do Espírito de Deus” e publicado com o título “A Verdadeira Obra do Espírito - Sinais de Autenticidade”. Trata-se de uma exposição de I João 4.1-6. Na primeira parte desse sermão, Edwards mostrou os sinais que negam uma obra espiritual, para em seguida demonstrar as marcas pelas quais a genuína obra do Espírito deve ser reconhecida. Ele asseverou que tal obra:

(1) Aumenta a consideração por Jesus como o Filho de Deus e Salvador do mundo, (2) leva as pessoas a partirem de suas corrupções e lascívia rumo à justiça de Deus, (3) aumenta seu respeito pelas Sagradas Escrituras, (4) estabelece a mente delas nas verdades objetivas da fé revelada e (5) evoca um genuíno amor por Deus e o homem<sup>26</sup>.

Para piorar a situação, um evangelista chamado James Davenport passou a adotar um comportamento crescentemente esdrúxulo. Em março de 1743, em New London, ele liderou um movimento de queima de livros de teólogos puritanos como símbolo da sua libertação da tradição. No dia seguinte, como uma forma de protesto contra o mundanismo, pessoas queimaram na fogueira joias, perucas e roupas mais refinadas. E, pelo que Marsden pode concluir, “ele mesmo ofereceu as calças que estava vestindo”<sup>27</sup>. O episódio foi deveras extremo. Mesmo os amigos “Novas Luzes” indignaram-se e julgaram que Davenport estaria possesso do Diabo, enquanto os adversários do avivamento se mobilizavam para fazer crescer a oposição.

Um dos mais importantes críticos do movimento “Nova Luz” foi Charles Chauncy (1705-1787), pastor auxiliar da renomada Primeira Igreja de Boston. Para ele, “entusiasmo” ou estado mental “superfervoroso” se prestam tão somente a levar pessoas a confundirem suas próprias paixões com a obra de Deus. A verdade para Chauncy é que “uma mente iluminada, e não emoções enlevadas, deve sempre ser o guia daqueles que se chamam homens; e isto se aplica tanto aos assuntos da religião quanto às outras coisas”<sup>28</sup>.

Em oposição a Chauncy e aos “Velhas Luzes”, Edwards escreveu na primavera de 1743 o tratado “Alguns Pensamentos Concernentes ao Presente Avivamento da Religião” (“Some Thoughts Concerning the Present Revival of Religion”), antecipando-se ao tomo prometido por Chauncy, no qual documentaria os excessos

---

<sup>26</sup> LAWSON, As Firmes Resoluções de Jonathan Edwards, pp. 25, 26

<sup>27</sup> MARSDEN, A Breve Vida de Jonathan Edwards, p. 110

<sup>28</sup> Ibid. p. 111

do avivamento. A obra de Chauncy surgiu em setembro de 1743, em resposta a Edwards.

Entretanto, uma série de sermões pregados entre os anos de 1742 e 1743, com base em 1Pedro 1.8, resultou na obra mais madura de Edwards em defesa do avivamento, embora muitíssimo dirigida aos próprios amigos da causa, “Um Tratado Concernente às Afeições Religiosas” (“A Treatise Concerning Religious Affections”), publicada em 1746<sup>29</sup>. A Editora PES lançou em 1993 uma versão abreviada dessa obra de Edwards, com o título “A Genuína Experiência Espiritual”, com a qual a língua portuguesa podia apenas degustar a obra, agora lançada na íntegra em nosso vernáculo pela Editora Vida Nova, com o título “Afeições Religiosas”.

Nessa obra, Jonathan extraiu de 1Pedro 1.8 que os crentes perseguidos aos quais o apóstolo escreveu tinham um cristianismo autêntico, evidenciado basicamente por suas “afeições” (ou “emoções”) santas - amor e alegria, no contexto. A partir daí, Edwards concluiu que a verdadeira piedade consiste basicamente de emoções puras ou espirituais.

Para Edwards, emoções são reações da vontade exercidas de modo enérgico frente àquilo que foi intelectualmente compreendido. É dizer, emoções e vontade não se diferem ontologicamente, mas tão somente em grau. Vontade é o gosto ou o desgosto por algo; emoções são a vontade fortemente expressa. Entretanto, as emoções não são todas do mesmo tipo. Algumas estão relacionadas com aprovação e, portanto, nos apegam ao que compreendemos (amor, desejo, esperança, alegria, gratidão, prazer); outras, vinculadas à desaprovação e nos afastam do que compreendemos (ódio, medo, raiva, pesar, tristeza).

Edwards prova que a verdadeira religião consiste principalmente de emoções – medo, esperança, amor, desejo, alegria, pesar, gratidão, misericórdia, zelo – sendo o amor a principal de todas elas. Essa verdade, segundo ele, pode ser perfeitamente ilustrada na vida dos santos, tais como Davi, Paulo e João, tanto quanto (e sobretudo) na vida de Jesus. Ademais, considerando que as Escrituras descrevem a religião vivida no céu como consistindo essencialmente de amor e alegria, e considerando que a religião vivida no céu é a da terra, embora tornada perfeita, toda a religião verdadeira na terra deve consistir também de emoções.

Edwards conclui, portanto, que dois extremos devem ser evitados - a rejeição de todas as emoções, por um lado, e a consideração de todas as emoções como sinais de

conversão verdadeira, por outro – e uma atitude madura de discernimento deve ser adotada. Destarte, na sequência, Edwards examina as experiências que não provam que as emoções sejam evidência da salvação, para, em seguida, proceder com a análise daqueles sinais confiáveis de verdadeira espiritualidade.

Finalmente, Edwards ressaltou em suas conclusões que os sinais apresentados por ele não são incoerentes com a livre graça de Deus, doutrina segundo a qual “não há boa qualidade em nós que possa merecer Sua graça”. Para ele, Deus ama o eleito “livre e soberanamente, em razão das riquezas infinitas da Sua própria natureza divina, não por qualquer beleza [vista] no eleito”. Na verdade, “não é sequer a beleza ou bondade de nossa fé que nos une a Cristo... porque fé significa receber, aceitar e descansar em Jesus com nossas almas”.

Em síntese, pode-se afirmar com Franklin Ferreira que

A análise cuidadosa de Edwards sobre a fé genuína enfatizava que não era a quantidade de emoções que indicava a presença da verdadeira espiritualidade, mas as origens de tais afeições em Deus, e a sua manifestação em obras que o glorifiquem<sup>30</sup>.

## **7. Crise em Northampton e Mudança para Stockbridge**

Edwards era extremamente disciplinado. Diz-se que ele gastava treze horas por dia em seu escritório e regulava rigorosamente sua dieta porque, segundo pensava, o ajudaria a manter-se saudável e mais eficiente no trabalho. Nos intervalos, ele cortava lenha ou fazia cavalgadas, ocasiões em que, para não perder tempo, alfinetava na jaqueta papeis que lhe lembrariam posteriormente os pensamentos mais importantes que lhe haviam ocorrido nesses momentos.

Esse estilo de vida, associado ao seu sério compromisso com a santidade pessoal e com o bom estado espiritual de sua congregação, fê-lo visto por alguns como uma pessoa reservada e insociável. Some-se a isso um episódio desagradável envolvendo uma maneira infeliz de disciplinar alguns jovens da igreja, pelos idos de março de 1744.

Em 1747, Edwards publicou um livro com o propósito de promover um acordo para a realização de orações simultâneas nos dois lados do Atlântico, com o incrível título de 145 palavras: “Um Humilde Esforço para Promover a Concordância Explícita e a

---

30 FERREIRA, *Servos de Deus: Espiritualidade e Teologia na História da Igreja*, p. 290

União Visível do Povo de Deus em Oração extraordinária para o Reavivamento da Religião e o Avanço do Reino de Cristo na Terra em Conformidade com as Promessas e Profecias da Escritura Concernentes ao último Tempo”<sup>31</sup>. A obra foi lançada recentemente pela Editora Cultura Cristã, com o título “A Busca do Avivamento: A Obra Clássica sobre a Relação entre os Períodos de Avivamento e a Oração”.

Nesse mesmo ano, um jovem missionário que labutou entre os índios Delaware, em New Jersey e Pensilvânia, David Brainerd, hospedou-se na casa de Edwards e foi tratado por uma das suas filhas, Jerusha. Brainerd veio a falecer em 9 de outubro de 1747 e Jerusha contraiu tuberculose e morreu meses depois. Em 1749, Edwards editou os diários de Brainerd e publicou a obra “A Vida de David Brainerd”, disponibilizada em português pela Editora FIEL. Em um prefácio a essa obra, escrito em 1758, Edwards afirmou que

Apesar de todas essas imperfeições [de Brainerd], todo leitor piedoso e cuidadoso reconhecerá de pronto que aquilo que aqui expomos é uma notável demonstração da verdadeira e eminente piedade, no coração e na prática - tendendo grandemente a confirmar a religião vital e do poder da piedade. Isso é mui digno de imitação em vários sentidos calculado para promover o benefício espiritual de observadores atentos<sup>32</sup>.

Entretanto, todos esses contratemplos teriam sido superados se Edwards tivesse permanecido conformado à praxe implantada por Solomon Stoddard, seu avô, há cerca de setenta anos antes.

É de bom alvitre salientar que os puritanos congregacionais que se estabeleceram na Nova Inglaterra, apesar de serem descendentes da tradição legada por seus ancestrais separatistas, mantiveram a noção predominante na Europa de igrejas oficiais, sustentadas com impostos públicos. Nesse contexto, para manter certa equivalência entre a cidadania (participação na cidade) e a membresia (participação na igreja), Stoddard passou a exigir dos membros adultos, para o fim de incluí-los na comunhão da Ceia, somente uma profissão quanto às doutrinas da igreja, a aceitação da sua disciplina e uma conformação com a moralidade cristã. Isso feria a tradição puritana, que, a seu turno, exigia de cada candidato à comunhão uma descrição minuciosa dos passos que conduziram à sua conversão.

---

31 EDWARDS, Jonathan. *A Busca do Avivamento: A Obra Clássica sobre a Relação entre os Períodos de Reavivamento e a Oração*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

32 EDWARDS, Jonathan. *A Vida de David Brainerd*. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 1993. p. 8

Edwards estava disposto a não mais conviver com os procedimentos do avô, sobretudo por levar a sério a advertência paulina de que quem “come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si” (1Co 11.19). E foi precisamente nessa época, em dezembro de 1748, quando um rapaz buscou Edwards para se tornar um membro comungante da igreja que o pastor pediu ao jovem que “assinasse uma declaração de que isso equivaleria ao que ele considerava uma profissão ‘crível’ de fé sincera”<sup>33</sup>. Era uma espécie de meio-termo entre o ideal puritano e o método de Stoddard, julgado por Edwards suficiente para manter a pureza da igreja.

O rapaz desistiu da comunhão da igreja e os moradores de Northampton descobriram que o que estava em jogo eram os padrões adotados pelo estimado Solomon Stoddard. O fato sacudiu a cidade e a família do pastor sofreu um ano de controvérsias.

Um conselho formado por ministros e leigos de dez igrejas da região conduziu uma assembleia entre os membros da igreja de Northampton, em 1750. O resultado foi que Edwards perdeu o pastorado com 230 votos desfavoráveis, contando com somente 23 a seu favor. Sobre o episódio, Martyn Lloyd-Jones comentou que

Essa foi uma das coisas mais espantosas que já aconteceram, e deve servir como uma palavra de encorajamento para os ministros e pregadores. Lá estava esse altaneiro gênio, esse poderoso pregador, esse homem que estava no centro do grande avivamento – e, todavia, foi derrotado na votação da sua igreja por 230 votos a 23, em 1750. Não se surpreendam, portanto, irmãos, quanto ao que possa acontecer com vocês em suas igrejas!<sup>34</sup>

Enquanto não decidiu pelo novo pastorado, permaneceu à disposição da igreja de Northampton e pregava ali sempre que convidado, apesar de ser, nessas oportunidades, comunicado que só lhe seria permitido pregar por falta de outro pregador na ocasião.

Edwards permaneceu nessa condição por mais de um ano, até que em 1751 ele aceitou o chamado para pastorear em Stockbridge, um posto militar na fronteira das colônias, cerca de 64 km de Northampton. Ali, Edwards encontraria uma comunidade com aproximadamente duzentos índios e uma dúzia de famílias de colonos.

---

<sup>33</sup> MARSDEN, A Breve Vida de Jonathan Edwards, p. 167

<sup>34</sup> LLOYD-JONES, Os Puritanos, Suas Origens e Seus Sucessores, p. 355

## 8. O Ministério em Stockbridge, Princeton e a Morte Prematura

Em seu novo pastorado, Edwards pregou aos índios e cuidou dos colonos. Entretanto, além das dificuldades envolvendo o complexo relacionamento com a importante família Williams, os conflitos frequentes entre colonos e índios resultaram em que Stockbridge se tornou um acampamento armado e passou a conviver com o medo de enfrentar um ataque indígena a qualquer momento. Por esse tempo, as hostilidades entre colonos ingleses e índios associados aos franceses cresceram mais para o sul e oeste e resultaram na *Guerra dos Sete Anos*. A própria casa de Edwards teve que ser fortificada.

Em face das hostilidades, a escola da missão para os índios mohawks foi interrompida e os moicanos estavam servindo aos ingleses na guerra. Esse cenário, somado ao ambiente de uma congregação pequena e com poucos afazeres, concedeu a Edwards medida generosa de tempo para investir em seus tratados.

Em 1754, ele escreveu - em resposta aos ideais iluministas da época, que asseveravam que o homem é, por natureza, essencialmente bom – a obra “Liberdade da Vontade” (“Freedom of the Will”). Nessa obra, Edwards concluiu, segundo análise acurada de R. C. Sproul, que “O homem é moralmente incapaz de escolher as coisas de Deus a não ser ou até que Deus mude a disposição da sua alma... Por si mesmo, o homem nunca irá escolher a Cristo. Ele não tem inclinação para fazer isso em seu estado caído...”<sup>35</sup>.

Em 1755, ele escreveu as obras “O Fim para o Qual Deus Criou o Mundo” (“The End for Which God Created the World”) e “A Natureza da Verdadeira Virtude” (“The Nature of True Virtue”), publicados com o título “Os Dois Tratados” (“The Two Treatises”). Em 1758, publicou a obra sobre a doutrina do pecado original (“The Great Christian Doctrine of Original Sin Defended”), tida por ele como de “grande importância”.

Em 1757, após um período de dúvidas, Edwards aceitou o convite para presidir o *College of New Jersey*, que passaria depois a chamar-se Universidade de Princeton. A oportunidade surgiu quando seu genro, Aaron Burr, casado com sua filha Esther, faleceu em setembro daquele ano. Ele se mudou sozinho em janeiro de 1758, ocasião em que ficou morando na casa do presidente da faculdade com Esther e seus dois netos, e foi estabelecido como presidente em 16 de fevereiro.

---

<sup>35</sup> SPROUL, R. C. *Sola Gratia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. p. 161

Naquela época, a varíola estava se proliferando na Nova Inglaterra e uma vacina estava sendo testada. Todos conheciam tanto os riscos quanto os casos mais bem sucedidos. Edwards, segundo Lawson, “decidiu ser inoculado para mostrar aos outros que eles não precisavam temer esse avanço da medicina”<sup>36</sup>. Nas palavras de Martyn Lloyd-Jones, “Tinha ele mente muito curiosa e ativa. Interessava-se por questões científicas, bem como por teologia, e isso foi a causa imediata da sua morte”<sup>37</sup>. Ele, a filha e os netos, todos foram inoculados. Esther e os filhos ficaram bem, mas Edwards contraiu uma infecção secundária que, por fim, o impossibilitou de alimentar-se, e morreu em 22 de março, aos 54 anos.

Quando soube que a morte se aproximava, ele disse a Esther e Lucy:

Parece-me ser a vontade de Deus que eu cedo as deixo, por isso, transmitam meu amor a minha querida esposa, e digam-lhe que a excepcional união, que por tanto tempo existiu entre nós, teve uma natureza espiritual e, portanto, conforme creio, continuará para sempre. Espero que ela seja apoiada durante esta grande provação, e que se submeta alegremente à vontade de Deus<sup>38</sup>.

Esther, por uma reação semelhante à vacina, morreu em 7 de abril. Quando Sarah chegou a Princeton, visitou as sepulturas do genro, do esposo e da filha e, após ter sofrido de uma disenteria, no mesmo ano, em 2 de outubro, morreu.

## Conclusão

Acredito piamente não ser difícil demonstrar o quanto carecemos resgatar a influência (hoje crescente, felizmente) de Edwards à igreja brasileira. É nessa esfera atual de falta de referenciais confiáveis que a urgência do resgate de Edwards se faz sentir maximamente, sobretudo pelas razões que a seguir desfilaremos.

A uma, *Edwards é-nos importante em meio à confusão contemporânea sobre o significado de ‘avivamento’*. J. I. Packer anotou que “a compreensão sobre o reavivamento, contida nos escritos de Edwards, entre os seus 30 e 40 anos, é a mais importante contribuição particular de Edwards para a teologia evangélica atual, pois continua a ser o estudo clássico sobre o assunto”<sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> LAWSON, As Firmes Resoluções de Jonathan Edwards, p.30

<sup>37</sup> LLOYD-JONES, Os Puritanos, Suas Origens e Seus Sucessores, p. 355

<sup>38</sup> Ibid. p. 31

<sup>39</sup> PACKER, J. I. *Entre os Gigantes de Deus: Uma Visão Puritana da Vida Cristã*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1996. p. 35

Com efeito, para uma imensa parcela do povo evangélico brasileiro, avivamento confunde-se com proliferação de fenômenos e dons espirituais, com flexibilidade litúrgica (que pouco difere de entretenimento religioso!) e com encontros evangelísticos de massa. Nesse vão de ideias, acredita-se ingenuamente que a chegada de um avivamento é uma questão de preenchermos determinados critérios, de cumprirmos certas condições, noção que se atribui ao chamado “avivamentismo” de Charles G. Finney (1792-1875).

Entretanto, nada poderia estar mais equivocado! Para Martyn Lloyd-Jones, que não escondia sua dívida para com Jonathan Edwards, “Precisamos saber a diferença entre uma campanha evangelística e o avivamento... Precisamos compreender a diferença entre experimentar o poder do Espírito no avivamento e chamar pessoas para tomarem uma decisão”<sup>40</sup>.

A duas, *Edwards é-nos importante porque seu compromisso com a doutrina da soberania de Deus (inclusive no tocante ao avivamento) não o paralisava em seu compromisso com a oração*. De fato, a sua obra sobre o concerto de oração, publicada em 1747, é um estímulo à oração pactuada pela igreja do mundo inteiro em prol de avivamentos. Na exposição metódica de Zacarias 8.20-22, ele propõe a oração como um dever e assevera que o bem que ela busca é o próprio Deus. Assim, a resposta às orações pode ser aguardada com firmeza porque o Deus que se oculta em épocas de abatimento da igreja concede-lhe “espírito de súplica” e deixa-Se encontrar por ela quando buscado. Edwards pontua que “a união em torno dessa oração está prenunciada como *conveniente e feliz*, uma oração que seria aceita por Deus e amparada com glorioso êxito”<sup>41</sup>.

A três, *Edwards é-nos importante em meio à crise contemporânea de credibilidade da Escritura*. A igreja brasileira tem sofrido impactos ao se deparar com líderes influentes que apostataram abrupta ou paulatinamente das verdades claramente reveladas nas Escrituras. Para dizer o mínimo, o clima geral é de desconfiança com relação à inspiração e inerrância da Bíblia, ainda que de forma velada.

Na prática, doutrinas antes presentes no conteúdo dos sermões - como a miserabilidade do pecado, a necessidade absoluta de arrependimento e santidade na vida cristã e a existência do inferno como o sofrimento de horrores eternos e

---

<sup>40</sup> LLOYD-JONES, Os Puritanos, Suas Origens e Seus Sucessores, p. 373

<sup>41</sup> EDWARDS, A Busca do Avivamento: A Obra Clássica sobre a Relação entre os Períodos de Reavivamento e a Oração, p. 33

conscientes experimentados sob a ira do Deus santo - simplesmente desapareceram dos púlpitos.

Edwards é deveras pouco conhecido. Quando se fala dele, lembra-se do sermão “Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado”, tido em nossos dias como estando entre o bizarro e o agressivo. De fato, Marsden pode estar correto ao dizer que Edwards, “Seguindo as novas tendências do avivamento”, “alterou seus sermões para criar uma intensidade dramática”<sup>42</sup>. Em “Pecadores”, ele realmente “formulou imagens impressionantes no sermão ao redor da ira de Deus”<sup>43</sup>. Entretanto, se estas doutrinas forem verdadeiras (será que ainda cremos nelas?), é certo que o está em jogo não é a vontade mórbida de atormentar pessoas, mas amor de fato por elas em alertá-las do modo mais enfático possível quanto ao perigo iminente revelado na Escritura. Trata-se, na verdade, de sabermos se cremos ou não na Palavra de Deus!

A quatro, *Edwards é-nos importante em meio à polarização que caracteriza a atual geração evangélica brasileira*. Pensemos nisso: quantos homens conhecemos que seríamos capazes de dizer deles que são “teólogos-evangelistas”? Conhecemos quantos homens que passam 13 horas no escritório e depois vão evangelizar os índios ou se comprometem com um ministério de pregação itinerante? Para a nossa vergonha, são poucos os santos letrados, os intelectuais que experimentam deleites espirituais, os homens de mente iluminada e coração aquecido.

Pois bem, em Edwards pode-se encontrar esse equilíbrio de forma admirável. Martyn Lloyd-Jones pode dizer dele tanto que é “o maior filósofo da América”<sup>44</sup> quanto que é o “teólogo do avivamento” e o “teólogo do coração”<sup>45</sup>. Sua produção literária teológica é de enorme envergadura, mas deve ser lembrado que veio da lavra de um homem que costumava adentrar nas florestas e passar horas e horas deleitando-se encantado com as excelentes glórias de Deus e do Salvador.

Finalmente, *Edwards é-nos importante para alertar aos pregadores a fugirem dos extremos da pregação sem vida e calor, por um lado, e da pregação sem conteúdo, por outro*. Nisso também Edwards é um primor de equilíbrio. Sua mensagem não era um vácuo teológico. Não se podia ouvir dele gracejos, anedotas e risadinhas, como se costuma assistir hodiernamente e o que justifica o lamento do Dr. Russell Shedd:

---

<sup>42</sup> MARSDEN, A Breve Vida de Jonathan Edwards, p. 100

<sup>43</sup> Ibid. p. 102

<sup>44</sup> Ibid. p. 358

<sup>45</sup> Ibid. p. 366

É lamentável que em muitas igrejas, talvez na maioria, a experiência emocional seja mais importante do que a poderosa exposição das Sagradas Letras... Os ouvintes gostam de ouvir um pregador distraído, que conta histórias interessantes, e forma um ambiente leve no culto. Um confronto com o ensino dos apóstolos tem mais atração para os que vivem na presença de Deus<sup>46</sup>.

Edwards partia de um ou de poucos versículos e os expunha metodicamente, mas sempre com o propósito de aplicar a mensagem do texto aos ouvintes. Por outro lado, pregar, para ele, não era tecer uma série de comentários bíblicos cujos fins se exaurissem na transmissão de informações. Para ele, “O principal benefício feito pela pregação é a impressão causada na mente, na hora”<sup>47</sup> do sermão. Por isso que pregar é dar vida à informação.

Portanto, penso que Lloyd-Jones cunhou a expressão que define a postura do nosso homem – “teologia com fogo” -, conforme ele expôs: “Nada é mais notável do que o equilíbrio desse homem. Devemos ter teologia; entretanto esta deve ser teologia com fogo. É preciso que haja aquecimento e calor, bem como luz. Em Edwards encontramos a combinação ideal – as grandes doutrinas com o fogo do Espírito sobre elas”<sup>48</sup>.

## **Bibliografia**

FERREIRA, Franklin. Servos de Deus: Espiritualidade e Teologia na História da Igreja. São José dos Campos, SP: Fiel, 2014.

MARSDEN, George. A Breve Vida de Jonathan Edwards. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015.

ARMSTRONG, John. O Verdadeiro Avivamento: O que Acontece quando Sopra o Vento do Espírito. São Paulo: Editora Vida, 2003.

EDWARDS, Jonathan. Caridade e Seus Frutos: Um Estudo sobre o Amor em 1 Co 13. São José dos Campos, Editora FIEL, 2015.

EDWARDS, Jonathan. Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado. São Paulo: Editora PES, 1995.

---

<sup>46</sup> SHEDD, Russell. Avivamento e Renovação. São Paulo: Shedd Publicações, 2004. p. 33

<sup>47</sup> LLOYD-JONES, Os Puritanos, Suas Origens e Seus Sucessores, p. 365

<sup>48</sup> Ibid. p. 374

EDWARDS, Jonathan. A Genuína Experiência Espiritual. São Paulo: Editora PES, 1993.

EDWARDS, Jonathan. A Busca do Avivamento: A Obra Clássica sobre a Relação entre os Períodos de Reavivamento e a Oração. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

EDWARDS, Jonathan. A Vida de David Brainerd. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 1993.

LAWSON, Steven J. As Firmes Resoluções de Jonathan Edwards. São José dos Campos, SP: Fiel, 2014.

LLOYD-JONES, D. M. Os Puritanos, Suas Origens e Seus Sucessores. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1993.

PACKER, J. I. Entre os Gigantes de Deus: Uma Visão Puritana da Vida Cristã. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1996.

RYLE, J. C. Gorge Whitefield. "[http://www.monergismo.com/textos/biografias/whitefield\\_ryle.htm](http://www.monergismo.com/textos/biografias/whitefield_ryle.htm)". Acesso em: 10/09/2015.

SHEDD, Russell. Avivamento e Renovação. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

SPROUL, R. C. Sola Gratia. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.